

# LINGUAGEM E TECNOLOGIA DIGITAL

## O PAPEL DO SUJEITO NO USO DAS TÉCNICAS DE ESCRITA\*

Kátia Regina Franco.<sup>1</sup> - Faculdade Saberes

**RESUMO:** Este artigo fundamenta-se na concepção de gênero como refletor do dialogismo da linguagem defendido por Bakhtin. Leva-se em conta a importância do sujeito nas esferas de comunicação e nos contextos históricos, sociais, culturais e ideológicos nas situações efetivas da linguagem. Busca-se refletir sobre as tecnologias utilizadas ao longo da história da comunicação verbal humana até os dias atuais ressaltando-se o papel do sujeito no uso de técnica específica em cada época: oral, papiro, códex, impresso e digital. A oralidade é a nossa primeira via de acesso à linguagem. Entretanto, é a escrita que coloca a linguagem na ordem do visual e revela que a relação do sujeito com a linguagem sempre foi mediada pela técnica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tecnologia da linguagem. Relação linguagem, sujeito e tecnologia.

### INTRODUÇÃO

Como ponto inicial, primeiramente, faz-se necessário marcar que as concepções de linguagem, língua, sujeito e gêneros textuais/discursivos que fundamentam este trabalho advêm das discussões do filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin. A linguagem é um constante processo de interação mediado pelo diálogo - e não apenas um sistema autônomo. Para este autor e seu Círculo,

A língua materna, seu vocabulário e sua estrutura gramatical, não os conhecemos por meio dos dicionários ou manuais de gramática, mas sim graças aos enunciados concretos que ouvimos e que reproduzimos na comunicação discursiva efetiva com as pessoas que nos rodeiam. (BAKHTIN, 2000, p. 326).

Ou seja, segundo essa concepção, a língua só existe em função do uso que os sujeitos fazem dela em situações de comunicação. Esses sujeitos (locutores e interlocutores) são agentes das relações sociais responsáveis pela composição e pelo estilo dos discursos ao se valerem do conhecimento de enunciados anteriores para formular suas falas e redigir seus textos. Nessa relação dialógica, locutor e interlocutor interagem por meio da linguagem em condição de igualdade. Destaca-se, desse modo, que o interlocutor em Bakhtin não é um ouvinte / leitor passivo, cabendo-lhe apenas interpretar os enunciados produzidos pelo locutor / escritor. O interlocutor possui uma compreensão responsiva ativa, na qual já se encontra uma resposta de concordância, discordância, complementação, interrupção, por exemplo, construindo os sentidos.

Koch (2003, p. 54) ressalta que a concepção de gênero de Bakhtin não é estática, pois os gêneros estão sujeitos a alterações conforme as mudanças sociais. Nessa mesma linha, Marcuschi (2003, p. 30) define os gêneros como atividades sócio discursivas (orais ou escritas) intimamente ligados à vida social e, portanto, maleáveis e dinâmicos. São sensíveis às mudanças sociais que ocorrem devido às invenções tecnológicas e podem ser entendidos como “artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano”. Para Maingueneau

---

\* XII EVIDOSOL e IX CILTEC-Online - junho/2015 - <http://evidosol.textolivre.org>

<sup>1</sup> Mestre em Estudos Linguísticos pela UFES; professora da Faculdade Saberes; katiiafrancoes@yahoo.com.br

(2004, p. 69), o gênero de discurso é um contrato fundamentalmente cooperativo e regido por normas. É exigido das partes envolvidas uma aceitação de regras mutuamente conhecidas, bem como das sanções previstas para uma possível transgressão.

Consideramos que tais concepções de gênero refletem o dialogismo da linguagem defendido por Bakhtin, pondo em relevo a importância do sujeito, das esferas de comunicação e dos contextos históricos, sociais, culturais e ideológicos no uso efetivo da linguagem. Desse modo, nossa proposta é refletir sobre as tecnologias utilizadas ao longo da história da comunicação humana até os dias atuais e o comportamento do sujeito que delas se apropria.

## 1. DO ORAL PARA A ESCRITA: EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA DA ESCRITA

Historicamente, a escrita revela que a relação do sujeito com a linguagem sempre foi mediada pela técnica, pela invenção de uma tecnologia que passou pela utilização de instrumentos distintos constituintes de uma imagem sempre diferenciada da linguagem humana. A oralidade é a nossa primeira via de acesso à linguagem. Entretanto, é a escrita que coloca a linguagem na ordem do visual, do olhar, o que antes era da ordem da escuta. Da escuta à escrita temos uma história da produção de sentidos do mundo, a saber, da relação do sujeito com o conhecimento e deste com a tecnologia.

Para Dias (2009), “tecnologia da linguagem” é a formulação do conhecimento e o modo como ele circula através da escrita em qualquer suporte de veiculação: no papiro, no codex, no livro impresso, na tela do computador, dentre outros. Essa tecnologia tem um efeito sobre a escrita e sobre a língua, pois “não são apenas os instrumentos que mudam, mas a relação do sujeito com a linguagem, com a escrita, com o conhecimento sobre a língua.” Mudam as relações sociais, as relações imaginárias que os interlocutores criam entre si.

Vandendorpe (1999 apud DIAS, 2009) diz que nossa primeira via de acesso à linguagem foi a orelha. Essa relação com a linguagem durou muito tempo e o discurso era produzido num fluxo temporal linear. O autor relembra ainda que a passagem da oralidade para a escrita não se deu de imediato e a mudança formal tendia para a “reprodução/transcrição da ordem linear do discurso oral para o escrito”.



**Figura 1- Evolução tecnológica da escrita.**

**Fonte:** Elaborado pela autora. Imagens da internet.

A leitura feita com o papiro, precursor do papel, manteve-se pautada sobre o fluxo linear da oralidade, devido à materialidade do papiro. O papiro<sup>2</sup> era enrolado a uma vareta de madeira ou marfim para criar o rolo que seria usado na escrita. O fato de ser enrolado sobre si mesmo exigia uma leitura linear e contínua, haja vista a impossibilidade de o leitor "parar para fazer anotações durante a sua leitura, pois precisava das duas mãos para desenrolar o papiro". (DIAS, 2009).

<sup>2</sup> Disponível em < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Papiro>>. Acesso em 28 out. 2013.

Com o codex<sup>3</sup>, a página do texto é tabular, ou seja, o texto é organizado em duas colunas; os parágrafos são marcados por um símbolo e os caracteres das primeiras letras são maiores. Esse formato de tabulação torna-se mais numeroso com o surgimento do jornal e da imprensa, no século XIX. Com as palavras de Vandendorpe, Dias ressalta que a nova forma textual é a de um mosaico, em blocos, fugindo radicalmente da linearidade da fala. É partir do codex que surge uma mudança física de atitude em relação ao texto. Com as mãos livres, o leitor deixa de ser "o receptor passivo do texto", passando a leitor ativo, inserindo-se "no ciclo da escritura pelo jogo das anotações" (VANDENDORPE<sup>4</sup>, 1999, p. 53 apud DIAS, 2009).

As formas da escrita contemporânea que utilizam a tecnologia digital, especificamente a escrita no computador, também alteram a relação do sujeito com o texto e seus interlocutores. Nota-se que o sentido move-se de *escrever* para *digital* para *teclar*, determinando a existência do "imaginário"<sup>5</sup> da internet, das redes sociais, da liberdade da forma, da velocidade da escrita. Dias (2009) afirma que a "esse imaginário podemos atribuir o gesto de 'teclar'", no qual a tecla assume o controle da escrita.

A autora defende, ainda, que de outro lado, há "o imaginário da tela em branco, o copiar / colar, o deletar, o rearranjo textual. O texto como um quebra-cabeça. "Neste imaginário, os sentidos dos termos empregados ao registrarmos cada gênero digital também muda. Nunca dizemos "vou teclar um texto", mas "vou digitar um texto". Entretanto, dizemos "eu estava teclando no WhatsApp" e "estava escrevendo/digitando um e-mail". Assim, há palavras tecladas, palavras digitadas, palavras escritas; três diferentes modos de escrita que alteram a relação imaginária do sujeito com a língua e com o conhecimento sobre a língua.

Dias (2009), apoiada em Orlandi (2001), diz que o gesto da escrita é uma das primeiras e mais antigas tecnologias produzidas pelo sujeito para conhecer-se a si mesmo. Assim, a "tecnologia da escrita" é uma "forma de relação social". A utilização de diferentes ferramentas e suportes revelam diferentes formas de relação social ligadas a uma tecnologia que, por sua vez, revela a forma do conhecimento. Em cada uma dessas relações muda a relação do sujeito com a linguagem.

## 2. O AVANÇO DOS SISTEMAS DE COMUNICAÇÃO E OS GÊNEROS DIGITAIS

Os gêneros digitais surgem com o avanço dos sistemas de comunicação e a difusão do computador. Tais gêneros são outras modalidades de comunicação escrita nas quais a interlocução ocorre de duas formas: assíncrona, utilizada nos e-mails ou correio eletrônico, fórum, lista de discussão, blogs etc, em que não ocorre a sincronização simultânea dos interlocutores, ou síncrona, empregada em bate-papo virtual ou chat, na qual "a troca de informação escrita se faz de forma imediata e simultânea". (BRAGA; RICARTE, 2005). Além da questão temporal implicada nos gêneros digitais, há outras características que se destacam, a saber, a dimensão do suporte, o hipertexto e o sistema de busca e indexação.

A dimensão do suporte se destaca, pois o texto não pode ser manuseado, materialmente, pelo leitor como nos impressos.

A inscrição do texto na tela cria uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com a qual se defronta o

<sup>3</sup> Pequena placa encerada usada pelos antigos romanos para escrever. Registro, escrito. (Disponível em < <http://www.dicionarioinformal.com.br/c%C3%B3dex/>>. Acesso em 28 out. 2013.

<sup>4</sup> VANDENDORPE, C. *Du papyrus à l'hypertexte: essay sur les mutations du texte et de la lecture*. Paris: La Decouverte, 1999.

<sup>5</sup> Imagem que se faz do interlocutor a partir das relações sociais. ORLANDI, Eni. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.

leitor do livro em rolo da Antiguidade ou o leitor medieval, moderno e contemporâneo do livro manuscrito ou impresso, onde o texto é organizado a partir de sua estrutura em cadernos, folhas e páginas. (CHARTIER, 1999, p.12-13).

Essa nova configuração textual altera o fluxo sequencial do texto na tela e permite que o leitor entrecruze, reúna textos na mesma memória eletrônica. Para Chartier (1999, p. 13), “todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler”.

O caráter descontínuo da leitura do texto digital e as outras possibilidades enxergadas pelo autor revelam a característica mais marcante dos gêneros digitais: a recorrência de hipertextos. A característica da não linearidade do texto digital permite ao leitor escolher seu próprio trajeto, explorando a estrutura multidimensional, manipulando-o interativamente, como a Wikipédia e os sistemas de busca e indexação.

A Wikipédia se auto define, no próprio site, como "uma **enciclopédia** multilíngue online livre, colaborativa, ou seja, escrita internacionalmente por várias pessoas comuns de diversas regiões do mundo, todas elas voluntárias"<sup>6</sup>.

No dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa (2001), dentre as definições para o termo enciclopédia, consideramos a seguinte acepção: "2. Obra que reúne todos os conhecimentos humanos ou apenas um domínio deles e os expõe de maneira ordenada, metódica, seguindo um critério de apresentação alfabético ou temático".

Essa definição nos permite perceber que o gênero enciclopédia torna-se outro no meio digital. Enquanto gênero escrito e impresso, é estruturado e organizado em livro ou conjunto de livros. A mudança de suporte do ambiente impresso para o digital transforma o gênero enciclopédia fundamentalmente em outro, tanto em sua construção composicional, quanto em seu estilo verbal e suas temáticas, implicando diferentes modos de leitura. Ao ler esse gênero no suporte digital, os limites entre leitor e autor são nebulosos, pois permite ao leitor, à medida que for lendo, intervir livremente no centro do texto, tornando-se leitor-autor.

Outra característica que modificou o diálogo com os textos advém do sistema de busca e indexação. No texto impresso, a busca pelo conteúdo se dá, por exemplo, por meio de um índice alfabético, uma forma hipertextual de outra natureza. Com a tecnologia da internet, ao digitar a informação desejada em uma caixa de busca, o sistema identifica e apresenta uma ou várias opções para o leitor navegar pelos diversos hipertextos. Cada hipertexto, por sua vez, é uma janela aberta a inúmeros outros por intermédio dos *links* que se destacam na tela.

O dialogismo bakhtiniano adquire uma maior visibilidade na forma como os textos se interligam nesse espaço, em que se tem acesso a toda uma biblioteca. "A intertextualidade não se limita à memória discursiva do leitor, mas torna-se presente ao simples e imediato clique em um link". A leitura na internet é fundamentalmente ação do leitor. (ALMEIDA; SILVA, 2009).

### 3. O SUJEITO E SUA IDENTIDADE NO CONTEXTO DA PÓS-MODERNIDADE

Assim como todo processo de transformação, o avanço tecnológico também passa por processos históricos globalizados. Na pós-modernidade, tal avanço rompeu fronteiras, tempo e espaço, bem como a distinção entre a alta cultura e a chamada cultura de massa ou popular, o que está explícito na nova forma de escrever e se comunicar através dos Chats e E-mails. (CARIAGA; DURIGAN, 2007).

A emergência de novos gêneros é um dos desafios trazidos pelas novas tecnologias. Na escola, por exemplo, um grupo de “novas palavras” circula entre os estudantes - chats, e-mails, blogs, fotoblogs, homepages, sites, fórum, facebook, etc. Para lidarmos com esse

<sup>6</sup> Disponível em <<http://pt.wikipedia.org>>. Acesso em 10 out. 2013. [grifo nosso]

desafio, é preciso conceber a língua não como uma forma homogênea, mas como um lugar de interação para a qual concorrem todos os paradoxos humanos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mundo contemporâneo nos convida a realizar um modo de leitura e de escrita não linear, impossível no suporte do papel. É imprescindível refletir sobre a relação leitura, escrita e produção de conhecimento na era da escrita digital hipertextual, visto que são práticas irreversíveis e fundamentais na expressão e criação na pós-modernidade.

Assim como Araújo <sup>7</sup>(2007 apud CARIAGA; DURIGAN, 2007), conclui-se que a Internet, bem como as novas tecnologias, não é nenhuma ameaça para a língua. Essa inovação revolucionou o mundo, em especial o das comunicações, como nenhuma outra invenção o fez até agora, pois é um ambiente em que milhares de pessoas podem ler, ouvir e falar ao mesmo tempo com diferentes pessoas e em diferentes espaços.

O professor e escritor italiano Umberto Eco<sup>8</sup> comparou as novas tecnologias e as novas linguagens com a tradição da escrita e do livro. Ciente do potencial das novas tecnologias para o desenvolvimento humano, Eco percebe os problemas trazidos por elas, como o risco da comunicação visual, isolada da comunicação baseada na palavra. Entretanto, para o escritor, o computador é um "instrumento alfabético, um tipo de livro ideal" que vai além do livro impresso por permitir a construção de hipertextos. No entanto, ressalta que o hipertexto só substitui um tipo de livro: os de consulta. Ressalta, ainda, que os textos preexistentes necessitam de uma habilidade específica para serem lidos. E isso precisa ser ensinado.

Assim, o que se nota de mais relevante, nesse contexto midiático, é o papel de um sujeito ativo, participativo e responsivo diante dos textos, das tecnologias e da produção de sentido no uso efetivo da linguagem.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fabio Sampaio de; SILVA, Luciane Teixeira da; Dialogismo digital: por uma leitura bakhtiniana do Hipertexto. **ARTEFACTUM** - Revista de estudos das linguagens da arte e da tecnologia. 2009. Disponível em <http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/36> . Acesso em 15 out. 2013.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CARIAGA, Santa Nunes; DURIGAN, Marlene. Linguagem e tecnologia digital: novos gêneros textuais. **ANAIS** do III CELLMS, IV EPGL e I EPPGL – UEMS-Dourados. 08 a 10 de outubro de 2007. Disponível em <http://www.uems.br/cellms/2008/documentos/14%20-%20LINGUAGEM%20E%20TECNOLOGIA.pdf> Acesso em 15 out. 2013.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Trad. Reginaldo Camello Corrêa de Moraes. São Paulo: Ed. UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999.

DIAS, Cristiane. A escrita como tecnologia da linguagem. In: **Tecnologias de linguagem e produção do conhecimento**. Coleção HiperS@beres, vol. II, Santa Maria: dez. 2009. Disponível em [www.ufsm.br/hipersaberes](http://www.ufsm.br/hipersaberes) . Acesso em 30 out. 2013.

<sup>7</sup> ARAÚJO. J.C. **Internet & ensino: novos gêneros, outros desafios**. (Org.) Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

<sup>8</sup> Em palestra proferida nos Estados Unidos. ECO, Umberto. **From Internet to Gutenberg**. 1996. Disponível em <http://www.italynet.com/columbia/internet.html>

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

KOCH. I. G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. Brochura. Edição: 2003

MARCUSCHI & XAVIER, Antônio Carlos dos Santos (orgs). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MAINGUENEAU, D., **Análise de textos de comunicação**; tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha, 3. ed. – São Paulo: Cortez, 2004.

ORLANDI, Eni. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001.